

Os meus Brasis

Não obstante sua frágil saúde, Anchieta trabalha incansavelmente. Fomenta o apostolado indígena, fundando novas aldeias, provendo-lhes missionários. Incentiva o desenvolvimento dos estudos nos colégios de Salvador, do Rio, de São Paulo e de Olinda. Continua cuidando pessoalmente dos doentes, inculcando-lhes animação e força para reagir, além de utilizar seus conhecimentos práticos de medicina para curá-los. E mesmo entre tantas atividades, não cessa de produzir muitas canções, poesias e peças populares, para divertir e instruir seu povo.

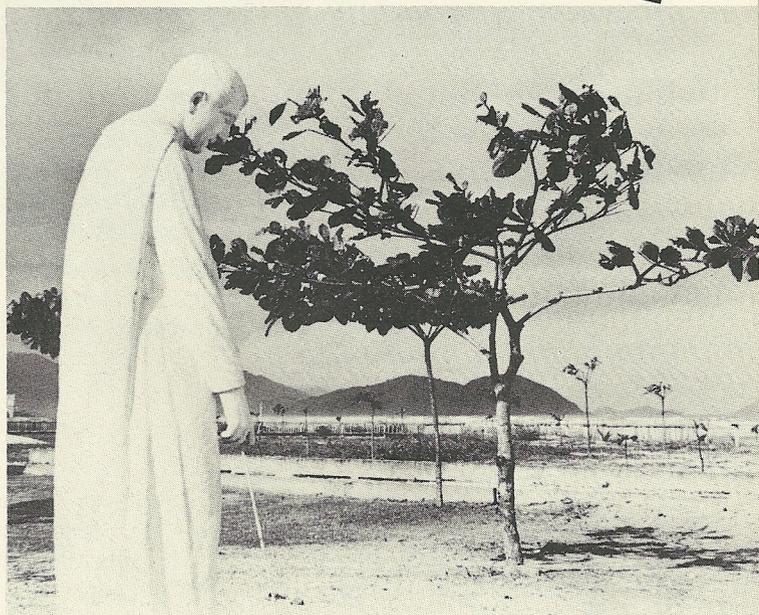
Sim, "seu" povo. Anchieta com toda a sua dedicação já se identifica plenamente com esse povo. Um povo simples e sofrido, cuja pérola são os índios, muitas vezes perseguidos e escravizados por gananciosos colonizadores. Um povo espalhado por regiões distantes e hostis. Um povo que, por suas diferenças e contradições, exige do Padre José um amor totalitário, mas diferenciado e particular em cada circunstância. Por isso lhe agrada chamar a imensa terra onde mora esse povo multiforme de "os meus Brasis".

Em princípios de 1588, Anchieta encontra-se em Vitória, quando lhe chega uma notícia, que soa para ele como um suspiro de alívio: Padre Marçal Beliarte, que chegou no ano anterior de Portugal, é nomeado para ocupar o seu cargo de Provincial. Este cargo, de fato, já tinha se tornado um fardo muito pesado para o Padre José, constantemente afligido por suas doenças.

Anchieta recebe a ordem de permanecer em Vitória, como superior da Residência e aldeias indígenas vizinhas. Muitas destas aldeias agora florescentes, como a Reritiba, Garaparim e Rei Magos, foram fundadas por ele anos antes. E agora os índios daquele lugar, entre os quais estavam vários de seus antigos discípulos no Piratininga, suscitam no velho padre uma especial predileção.

O que ele foi, por vinte anos, para São Paulo, seria agora por quase dez para Vitória: o pai dos pobres, o taumaturgo dos doentes, o consolador de todas as aflições, o homem dedicado e insinuante que une os discordes, o conselheiro dos governantes e principalmente o amigo e defensor dos índios.

Para estes organiza suas festas e escreve seus autos: Recebimento do Padre Marçal Beliarte em Guarapa-



Estátua do José de Anchieta, na praia de Iperoig, alusiva ao período em que ele compôs o seu famoso "Poema à Virgem", escrevendo na areia da praia os versos mais difíceis de memorizar.

rim, Dia da Assunção em Reritiba, Recebimento do Padre Bartolomeu Simões Pereira... Com estas recepções festivas que quer esses personagens amem seus índios e apóiem sua catequese, civilização e liberdade.

É também em favor de seus índios que o bom padre realiza seus prodígios, nem sempre explicáveis humanamente.

No dia 24 de junho, quando se festeja o padroeiro da aldeia de São João, organiza-se o jogo do pato: a ave solta num grande campo pertencerá a quem agarrá-la primeiro. Um menino de quatro anos, Estêvão Machado, mudo de nascença, está no colo do Padre Pedro Leitão, para ver melhor a brincadeira. O pato corre e voa daqui e de lá, perseguido por vários meninos. Finalmente o pato é agarrado por dois ao mesmo tempo, um pelo pescoço, outro pela cauda. Começa a briga: de quem é o pato? Chamam Anchieta por juiz. Tudo bem. O padre pergunta ao mudinho:

— Diga você, menino: de quem é o pato?

— É deste... — responde o menino que jamais tinha falado — mas eu o quero para mim, para dar à minha mãe.

O próprio Estêvão Machado, quando já homem, nos processos apostólicos daria seu testemunho do fato, confirmado também por outros.

Em Reritiba, no ano de 1591, na multidão dos índios trazidos do sertão pelo Padre Diogo Fernandes, vem um anão, aleijado desde o nascimento. Era apelidado de Suassu, porque se arrastava apoiando-se com as mãos. Padre José vem recebê-los. Todos estão de pé, só Suassu assentado no chão. Anchieta o vê e lhe diz:



D. Ivo Lorscheiter, presidente da CNBB, cumprimenta o Papa após ter concelebrado com ele a missa de beatificação do Pe. José de Anchieta.

– Levante-se.

– Não posso – respondeu o anão.

Padre José aproxima-se dele, mostrando-lhe uma faca como presente, e estendendo-lhe um bordão. O índio, segurando a ponta do bordão, se levanta e começa a andar, como se nunca tivesse sido aleijado.

O Provincial incumbe Anchieta, em fins de 1592, de visitar em seu nome as casas jesuíticas do Sul. Durante dois anos, percorre todas as casas e as aldeias indígenas do Espírito Santo, do Rio e de São Vicente, encaminhando a solução dos problemas. Por toda parte, todos o recebem com afeto, lembrando-se de quanto ele se dedicara ao povo daquela região.

Em São Paulo e no Rio, assegura a diversas famílias aflitas o bom êxito de duas bandeiras de expedicionários que, há anos, tinham se embrenhado no sertão:

– Continuem a rezar que daqui a pouco os terão de volta.

E é isto mesmo que acontece pouco tempo depois...

Com a nomeação de um novo provincial, em 1594, Anchieta conclui esta missão e volta para o Espírito Santo, de onde escreve ao Superior Geral dando contas de sua visita nas capitânicas do Sul.

Continua ainda por um ano como superior em Vitória, até que o novo Provincial liberta-o finalmente do cargo, em 1595, dando-lhe licença para viver onde mais lhe aprouver. Mas Padre José se recusa a determinar, por si mesmo, seu destino, tal como escreve ao Padre Tolosa:

«Havendo eu quarenta e dois anos que deixei em tudo a disposição de mim nas mãos dos Superiores, seria grande desatino eu agora dispor de mim, ao cabo de minha velhice».

O seu superior encarrega-o, então, de trabalhar na aldeia indígena de Reritiba, junto com o Padre Diogo Fernandes, seu antigo discípulo de Piratininga. E nesta ocasião, escreve Anchieta:

«Ordenou Nosso Senhor que acompanhasse ao Padre Diogo Fernandes nesta aldeia de Reritiba, para o ajudar na doutrina dos índios, com os quais me dou melhor do que com os portugueses, porque

vim buscar no Brasil principalmente àqueles e não tanto a estes». E as palavras seguintes manifestam seu desejo de morrer trabalhando junto a eles, já que Deus não lhe havia concedido a graça do martírio.

Por mais de um ano, se dedica a visitar os engenhos e fazendas dos brancos e as aldeias dos índios, ajudando em tudo que lhe pedem.

Em princípio de 1597, já muito enfermo, é convidado a descansar numa fazenda do capitão-mor Miguel de Azeredo. Mas sentindo-se aproximar da morte, pede para voltar a Reritiba: quer morrer entre seus índios e seus irmãos de hábito.

Levam-no de canoa e, a chegar, ele tem que se acamar.

É o mês de maio. Chegam os confrades da Casa de Misericórdia de Vila Velha, construída há pouco e que deve ser inaugurada na festa da Visitação, a 2 de julho. Pedem ao padre ancião, para compor um auto sagrado para o espetáculo do povo na ocasião da solenidade.

Anchieta, mesmo doente, não se recusa. Com a mão trêmula foi escrevendo aqueles 570 versos, em que espraia seu coração em afetos para com Maria e seus filhos prediletos, os pobres e enfermos. E também se despede da Mãe:

«Parto-me sem partir
de vós, ó Mãe e Senhora,
confiado em que, nessa hora
de a vida me despedir,
me sereis visitadora».

Tal como sempre se comportava nas ocasiões de enfermidade, também agora Anchieta não apenas evita dar trabalho para os outros, mas muitas vezes deixa de dormir de noite para acudir às necessidades de outros irmãos doentes.

Na mesma casa de Reritiba, encontra-se outro padre que, num momento de aflição, lhe pede socorro. Padre José não hesita. Levanta-se para ajudá-lo. Mas com isso sofre uma síncope.

Não consegue se recuperar. Após três semanas de cama, a 9 de junho encontra-se agonizante. Rodeado pelos missionários vizinhos, seus antigos discípulos, recebe os últimos sacramentos. Após meia hora de serena agonia, entrega a alma ao Senhor, a quem serviu por quarenta e quatro anos no Brasil.

Seus companheiros e os índios, que o amam ternamente, choram muito sua morte. E levam-no aos ombros, por dezenas de léguas, até Vitória, onde celebram os ofícios solenes para seu sepultamento.

O processo de beatificação do Padre Anchieta, começado cinco anos após sua morte, se estendeu até 1736, quando o papa Clemente XII o proclamou Servo de Deus, por suas virtudes praticadas em grau heróico.

Retomado para exame dos milagres, o processo de santificação ficou suspenso por 120 anos, por ocasião da perseguição e supressão da Companhia de Jesus. Novamente recomeçado no final do século passado, o processo de sua beatificação chegou a bom termo com o Papa João Paulo II, que o declarou Bem-aventurado, no dia 22 de junho de 1980.

FIM